

## Whybrow, Nicolas (2011), Art and the City

Sandra Guerreiro Dias

---



**Electronic version**

URL: <http://rccs.revues.org/5173>  
ISSN: 2182-7435

**Publisher**

Centro de Estudos Sociais da Universidade  
de Coimbra

**Printed version**

Date of publication: 1 décembre 2012  
Number of pages: 205-207  
ISSN: 0254-1106

**Electronic reference**

Sandra Guerreiro Dias, « Whybrow, Nicolas (2011), *Art and the City* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 99 | 2012, colocado online no dia 04 Setembro 2013, criado a 01 Outubro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/5173>

---

The text is a facsimile of the print edition.



aqui reunidos, possibilitando ao leitor uma visão crítica das indústrias criativas contemporâneas, seja como ideologia, seja enquanto relações de exploração que se concretizam na *praxis* quotidiana daqueles que nelas se encontram envolvidos. São ainda apontadas pistas de investigação relevantes para o desenvolvimento de algumas das linhas de problematização aqui enunciadas, nomeadamente, no que toca às práticas reais e potenciais de resistência no campo cultural, a diferentes níveis (das lutas sociais mais institucionalizadas e organizadas, às microtáticas quotidianas de resistência). Saliente-se ainda o contributo desta obra para enriquecer o debate sobre as indústrias culturais e criativas,

propondo um cruzamento de perspetivas que favorecem um enriquecimento desta discussão e também que esta extravase as esferas política, técnica e científica, alargando-se a outros contextos. Não podemos, contudo, concluir sem referir que, por vezes, a perspetiva patente em *Critique of Creativity* evidencia um “tom” excessivamente crítico das indústrias criativas, que parece ser incapaz de matizar a análise e integrar as aprendizagens, oportunidades e transformações positivas que, para além do *hype*, algumas destas dinâmicas e transformações também originam ou poderão potencialmente vir a originar.

Pedro Quintela

**Whybrow, Nicolas (2011), *Art and the City*. London, New York: I. B. Tauris, 198 pp.**

Zygmunt Bauman escrevia em 1991 que, na pós-modernidade, o novo *flâneur* ‘viajante-jogador’ prefere a irremediável redundância ao jogo da sobrevivência, isto é, o divertimento consciente de si como jogo ‘maduro’ e ‘puro’ que olha o mundo como teatro e a vida como jogo. Em *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade* (2005), Augé sublinha a necessidade de conferir um sentido, “pela intensidade da experiência” (a *performance*), ao presente e aos “não-lugares” do mundo, como contrapartida pela sobreposição e excesso dos acontecimentos, pela superabundância espacial e individualização das referências, modalidades que caracterizam os novos tempos “sobremodernos”. Em *Art and the City*, Nicolas Whybrow, especialista em Estudos do Teatro e da Performance, Professor na Universidade de Warwick no Reino Unido, associa à recente proliferação e ‘translocalização’ dos sítios e lugares de arte para fora dos museus, a ‘recolocação’

do “corpo relacional” (8) como centro e espaço de produção, circulação e receção dos discursos culturais e socioeconómicos urbanos. Salienta, neste sentido, o papel de resistência reservado especificamente ao corpo lúdico e performativo no espaço da revolução eletrónica e fibro-ótica e das transformações em curso na cidade desde os meados do século anterior, de que Virilio é o principal arauto e com cujas teorias este texto dialoga.

Na sua mais recente monografia, o também editor do recente e panorâmico estudo sobre performance e práticas urbanas de arte no século xx, *Performance and the Contemporary City: An Interdisciplinary Reader* (2010), começa por relacionar a “experiência momentânea” dos incidentes urbanos de Lefebvre, que este identifica também na arte, com as seguintes noções de ‘jogo’ e ‘trabalho’: “Por um lado, a cidade é em si própria, um ‘trabalho’ (de arte), ou ‘obra’, a qual invoca o direito cidadão à participação (ou apropriação

pública) como arte. Por outro, a arte [...] pode ‘utilmente’ funcionar na cidade como meio para trazer ao jogo aquilo que está a ter lugar” (18). Na abertura da reflexão (capítulo 1), o autor relaciona estes conceitos com os de cidade-sítio como mediação cultural na relação com a viragem urbano-performativa, na qual o espectador emerge como participante engajado – na linha das teses de Kwon (2009) – portanto como interveniente na produção da cultura urbana globalizada enquanto evento/arte relacional que reproduz uma “discursividade para sempre inacabada” (Bourriaud, 2002) de identidades, estados e deslocamentos em permanente transição. Ainda na justificação teórica (capítulo 2), e na continuidade da análise da arte como “trabalho/jogo”, o autor descreve a “experiência situada” como “prática crítica” (36) do interlocutor urbano. Identifica neste sentido a “escrita relacional” como escrita performativa, assumindo-se como escritor no seu papel performativo. A novidade propriamente dita deste trabalho surge na segunda parte, isto é, na ilustração daqueles pressupostos teóricos com o relato descritivo dos “encontros situados” (40) e da “experiência afetiva” (43) de lugares/instalações de arte em três cidades distintas, Londres, Berlim e Viena. Os deslocamentos e configurações experimentais da invenção artística no espaço urbano são aqui analisados no seu potencial para, ora reorganizar o visível e o sensível, ora recompor os espaços políticos, para usar a terminologia de Rancière que o autor, aliás, quase não cita.

A segunda secção do livro divide-se por três categorias de eventos, correspondentes aos capítulos 3, 4 e 5 respetivamente: “walking art”, “playing fields” e “performing memory”, todas implicando a participação contingente do espectador, pelo movimento, pelo jogo e pela ativação da memória. No respeitante à primeira

categoria, referem-se os trabalhos artísticos de Wentworth (projeto das visitas-guiadas alternativas por Londres e o *Skulptur Projekte*), Alÿs (*Seven Walks, The Modern Procession*), Wallinger (*Zone e State Britain*), Metzger (*Aequivalenz-Shattered Stones*) ou Althamer (*Path*). A partir da análise destas propostas, reconhece-se a “heterodoxa interdependência das coisas” na cidade (Wentworth) pela constatação da presença e importância da adversidade e do conflito como dimensões constitutivas das democracias urbanas (“paradoxo democrático” de Mouffe, 2000); analisa-se as táticas dissolutivas do movimento, a transformação do vazio pelo *happening* que exige a criação de um sentido pelo discurso social, ao mesmo tempo que se alerta para as “discrepâncias do acesso e do privilégio” (73) (Alÿs); como estádios temporários, as instalações de Wallinger, Metzger e Althamer são descritas enquanto experiências espontâneas e imprevisíveis que potenciam as incursões indefinidas dos sentidos e das ligações entre espaço e espectador implicado nos ciclos sociopolíticos e históricos da cidade. No capítulo seguinte, a cultura urbana do *flash mob* e do *mobile clubbing* (analisadas na ótica de Dyer e de McGonigal), do *skateboarding*, do *graffiti* (onde se destaca o misterioso trabalho de Banksy), do *parkour* ou de outros projetos mais abrangentes – como o *Fourth Plinth*, com especial relevo para a escultura *Alison Lapper Pregnant* (que faz a capa do livro), de Marc Quinn – é analisada como processo de reconhecimento, posicionamento e contestação das contradições agonísticas do espaço cidadão. Aqui a interação cidade-arte-corpo é identificada na improvisação de jogos e ritmos, formas de divertimento e risco de potencial radical, com vista ao aprofundamento de uma consciência mais política e ética. Finalmente, no último capítulo do livro, o pretexto para o diálogo interpelativo

e interrogativo são duas das mais controversas instalações memorialísticas da cultura europeia, a saber, o *Denkmal für die ermordeten Juden Europas* (Memorial aos Judeus Assassinados na Europa), de Eisenman, em Berlim, e o *Memorial to the 65,000 Murdered Austrian Jews* de Rachel Whiteread, em Viena. Nestes monumentos que fazem emergir as narrativas agonísticas potenciadas pelo jogo aberto da construção, o autor observa detalhadamente a arquitetura dos espaços, do monumento e envolventes, indicativa do fluxo e refluxo do debate sobre a memória problemática do Holocausto naquelas cidades. Tratando-se de formas de arte que se engajam no contexto e conflitos específicos dos lugares, Whybrow refere que a “recodificação retroativa” (Hall Foster) assegura a continuidade do debate sobre a presença de espectros de um passado quase impenetrável (à semelhança da “biblioteca fechada” de Whiteread). As respostas físicas e comportamentais concretas inerentes à organização do espaço são, segundo o autor, propiciadoras, em ambos os casos, de um importante diálogo cidadão sobre os “segredos horríveis” (Freud) da psique coletiva.

Em suma, trata-se de um trabalho interessante que alia, a uma escrita simultaneamente clara e de pendor ensaístico, o exercício crítico de uma análise que, baseando-se em pressupostos teóricos e resistindo a interpretações fechadas, é aprofundada pela descrição detalhada e

interpelativa de estudos de caso e narrativas empíricas que observam a metodologia de investigação histórica e sociológica não-ortodoxa conforme proposta por Benjamin no “Projeto das Arcadas”, na linha de uma sociologia histórica da *flânerie*. Problematizando os desafios da arte politicamente engajada, salienta-se o modo como as performances artísticas *in situ* podem (re)negociar efetivamente com o constrangimento e restringimento das atuais políticas públicas de planeamento e vigilância urbana, analisando-se especificamente a articulação destas práticas emergentes com a discussão dos modos e perfis ideológicos de uma “criminologia da intolerância” (120).

Duas fragilidades apontam-se por fim, a esta obra: a ausência de uma conclusão final que sistematize as densas questões e reflexões levantadas ao longo de grande parte do livro, a extensa segunda secção; a análise propriamente dita não beneficia de um pendor comparativo com outras realidades que não a ocidental por se cingir o estudo de caso a monumentos, eventos e instalações de cidades europeias. Esse risco é no entanto desde logo assumido pelo autor que nega a intenção de propor qualquer argumento linear ou conclusão do livro como um todo. Abrindo-se desta feita a novas discussões e debates, este estudo constitui um ponto de partida útil para estudos semelhantes.

Sandra Guerreiro Dias

**Lorentzen, Anne; Van Heur, Bas (orgs.) (2012), *Cultural Political Economy of Small Cities*. London e New York: Routledge, 216 pp.**

O livro *Cultural Political Economy of Small Cities* é uma coletânea de textos sobre as estratégias de desenvolvimento urbano assentes na cultura e nas artes. Tais estratégias são abordadas tendo em conta os seus

conteúdos e efeitos, os contextos particulares (em termos geográficos e históricos) onde são aplicadas e os tipos de reações e debates que suscitam. Esta obra centra-se no universo das pequenas cidades entendidas